



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10619 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

OS SABERES DOCENTES NA PANDEMIA DE COVID-19: UM DIÁLOGO COM PROFESSORAS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Bianca Noronha - UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

Delci Cleonice Bender - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Claudio Jose de Oliveira - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: Programa BIPSS (Bolsas Institucionais para Programa Pós-Graduação) - UNISC. Bolsa PROSUC/CAPES modalidade II.

Neste artigo, propomos discutir a composição dos saberes docentes em tempos de pandemia a partir do recorte de uma pesquisa em andamento, a qual está inserida no âmbito de um Programa de Pós-Graduação em Educação, por meio de um diálogo com professoras de uma escola pública do Vale do Rio Pardo/RS. O presente estudo tem como objetivo compreender como se deu a composição desses saberes no período pandêmico e de que forma isso pode nos ajudar a pensar a educação pós-pandemia. A produção de dados envolve três professoras dos anos finais do ensino fundamental de uma escola estadual de Santa Cruz do Sul, aqui identificadas como A, B e C. As participantes responderam a um questionário com 12 perguntas abertas, via aplicativo *Google Formulários*. A partir dessa materialidade, propomos discutir e problematizar algumas dimensões do trabalho e saberes docentes, embasadas por uma revisão bibliográfica.

O trajeto da pesquisa compreende que, com a pandemia de Covid-19, o cotidiano escolar mudou, e não somente para os estudantes. Com a propagação crescente do vírus, foram tomadas medidas de prevenção para impedir o avanço do contágio, como o uso de máscaras e a não-frequência em locais públicos a fim de evitar aglomerações e manter o distanciamento social. Em decorrência dessas medidas, as escolas paralisaram as aulas presenciais durante o ano letivo de 2020 e parte de 2021, obrigando-se a encontrar, juntamente aos professores, formas de reinventar o ensino através de um aparelho celular e/ou um computador.

Nesse aspecto, surge uma grande dificuldade experienciada por muitos estudantes que não possuem condições de adquirir um celular, um computador ou até mesmo um plano de

internet para acompanhar as aulas. Assim, pensamos na existência de realidades diferentes de uma escola para outra e escolhemos focar nossos estudos na rede estadual de ensino gaúcha para discutir quais foram as implicações para os docentes da educação escolar neste contexto.

Entendemos que a vida profissional dos professores sempre foi considerada árdua, de muito trabalho, planejamento, compromisso e pouco reconhecimento. Como destaca Nóvoa (2008, p. 227),

Os professores nunca viram o seu saber devidamente reconhecido. Mesmo que se reitere a importância de sua missão, a tendência é considerar sempre que lhes basta dominar bem a sua matéria de ensino e ter uma certa aptidão para a comunicação, para o trabalho com os alunos. O resto não é indispensável.

Com a necessidade de suportes pedagógicos, as escolas estaduais gaúchas passaram a utilizar uma plataforma digital, na qual os professores postam materiais didáticos, atividades e gravações de suas aulas remotas. Esse dispositivo tornou-se um dos principais meios de comunicação entre docentes e discentes, mas vale ressaltar que a plataforma já existia antes do início da pandemia. Além da implementação desta plataforma, outro recurso bastante utilizado foi o *Google Meet*. Em meados de maio de 2021, quando as atividades escolares voltaram à presencialidade opcional, o recurso continuou em uso no ensino híbrido para que os estudantes conseguissem assistir de casa às aulas que os professores estavam realizando em sala de aula, simultaneamente com os alunos que estavam presentes fisicamente.

Com a contextualização da pandemia, podemos pensar nas suas consequências para a educação escolar. Nessa perspectiva, ressaltamos a mudança da rotina dos professores e os desafios impostos a eles neste período. Aqui estamos compreendendo que o trabalho do professor se compõe na função de ensinar, valorizando seus saberes para o exercício qualificado de seu ofício: na relação entre os modos de fazer e pensar, com seus gestos característicos, orientado a produzir devires (LARROSA, 2021). Assim, o trabalho docente, por sua característica fundamental de interações humanas, foi bastante afetado no período das aulas remotas em virtude da pandemia de Covid-19.

A ritualização do trabalho escolar, normalmente organizado em um tempo, espaço e tarefas específicas (TARDIF; LESSARD, 2007), deixou de ter fronteiras tão definidas. A virtualidade invadiu a nossa casa e a própria presença em aula passou a ser questionada, quando, em encontros síncronos, os estudantes fechavam as suas câmeras. Tradicionalmente, a organização do trabalho na escola se manteve praticamente a mesma ao longo de décadas. Cada turma, em sua sala de aula, em regime seriado, com períodos de trabalho em classe, intervalos e atividades de preparação. Desta forma, a gestão do tempo, do espaço e o controle das ações dos diferentes atores sociais eram marcados.

Pensar os fundamentos interativos da docência, para Tardif e Lessard (2007), referindo Doyle (1986), envolve a ecologia da sala de aula. Cada classe é única e original, mas podemos identificar alguns padrões e repetições entre elas. Aqui destacamos a interatividade como principal característica do trabalho do professor. Estamos entendendo

que a interação não apenas faz parte da docência, mas que é dentro desse campo que o trabalho se concretiza.

Assim, podemos compreender que a interação se dá em uma dimensão comunicativa, que perpassa as significações construídas mutuamente. A significação de uma ação é social, partilhada e interpretada por diferentes atores, no contexto comum. Essa tarefa educativa contempla os saberes docentes, provenientes de diversas fontes. Para Tardif (2007), o saber docente é composto por saberes variados, que não se resumem a conhecimentos constituídos e, então, transmitidos.

A partir das recorrências e silenciamentos das falas das professoras, em diálogo com autores em nossa revisão bibliográfica, estamos problematizando: *Como se deu a composição dos saberes docentes no período pandêmico? De que forma essas possíveis transformações contribuem (ou não) para pensarmos a educação pós-pandemia?*

O cenário da discussão que estamos propondo contempla o período pandêmico e suas possíveis relações com a (re)composição dos saberes docentes neste contexto. O trajeto da pesquisa tem como método a entrevista on-line, definida por Flick (2009, p. 243) como “uma espécie de simulação da entrevista do mundo real e a espontaneidade da troca verbal é substituída pela reflexividade das trocas escritas”. As professoras entrevistadas têm entre 23 e 55 anos de idade. O tempo de profissão delas é bastante diverso: cinco, oito e 24 anos. Uma delas, a professora A, atua com quatro turmas de ensino fundamental e médio, com carga horária de 36 horas semanais. A participante B trabalha com dez turmas de ensino fundamental e médio, totalizando 51 horas na semana. Já a professora C é a que tem menor carga horária semanal, 20 horas, atuando com duas turmas, de ensino fundamental e médio.

O primeiro aspecto que destacamos para discussão dos resultados parciais é a precarização das condições do trabalho docente, pois a maioria possui extensa jornada de trabalho, o que acaba dificultando o balanceamento entre a vida particular e profissional. Essas ações resultam em um crescente desgaste emocional à medida que a baixa renda salarial também se torna um fator determinante desta precarização, visto que muitos docentes destinam um grande percentual de seus ganhos à renda familiar. Com a demanda de tarefas a serem realizadas fora do ambiente escolar, os professores levam seus trabalhos para realizar em casa, dispensando, por muitas vezes, momentos de lazer com suas famílias.

Em seu recente estudo realizado na região Vale do Rio Pardo/RS, Viegas (2020) apresenta alguns índices em relação ao trabalho doméstico que, por sua vez, assume-se como uma dupla jornada para os docentes que necessitam levar tarefas para casa.

Como sabemos, os trabalhadores escolares prolongam sua jornada para além dos locais de trabalho, o que se soma ainda ao trabalho doméstico realizado pela maioria de mulheres que ocupa a profissão, resultando num alto grau de exploração. [...] 44,2% dos docentes da região trabalham de 5 a 10 horas semanais em casa, em atividades que envolvem planejamento, correção de trabalhos e outras, e 33% do total despense mais de dez horas semanais do tempo com suas famílias em atividades profissionais, percentual que atinge 37,3% nas escolas estaduais (VIEGAS, 2020, p. 273).

Entendemos que, com a pandemia, esses índices podem ter aumentado, como aponta o depoimento da professora C: *“Sem dúvidas, a maior dificuldade na pandemia, foi a pressão exercida sobre todos os professores, em função a terem de aplicar conhecimentos ao mesmo tempo que estavam aprendendo, o volume de materiais a serem produzidos em tempos de isolamento. Durante a pandemia fomos bombardeados por informações e questionamentos, não só nos horários em que deveríamos estar trabalhando, como também, nos períodos que deveríamos ter descanso. Não houve respeito quanto aos horários de trabalho, houve uma invasão à privacidade não só quanto aos horários, mas do nosso lar”*.

Quanto à composição dos seus saberes docentes, todas as professoras indicaram ali algum componente interativo. Tanto o estudo individual como as trocas na relação com outros docentes, estudantes e o acompanhamento das mídias digitais foram referidos nesse processo, entendido, assim, como em constante construção. Um elemento evidenciado pela professora C nos provoca a pensar na relação dos docentes com seus próprios saberes: *“Depois nas regras e estatutos das escolas por onde passamos, trabalhamos, nos estudantes com quem interagimos, cada turma, cada ano, vamos sendo moldados, modelados, o próprio governo, as mantenedoras, a BNCC, o Estatuto da Criança e do Adolescente...”*.

Tardif (2007) argumenta que diversos saberes são integrados à prática docente, mas que muitas vezes os professores atuam como seus transmissores. Isso porque, como indicado pela professora C, vários fatores influenciam essa relação. Assim, talvez o corpo docente não seja responsável pela definição e seleção dos saberes contemplados pela escola e universidade, pois

eles aparecem como produtos que já se encontram consideravelmente determinados em sua forma e conteúdos, produtos oriundos da tradição cultural e dos grupos produtores de saberes sociais incorporados à prática docente através das disciplinas, programas escolares, matérias e conteúdos a serem transmitidos (TARDIF, 2007, p. 40-41).

Nesse sentido, entendemos que a relação dos professores com seus saberes é complexa, o que se relaciona também à formação acadêmica desses profissionais. Ao considerarem os experienciais o núcleo de seus saberes, esse saber-fazer poderia ser problematizado também na academia, de forma a legitimar esses saberes científicos e pedagógicos em sua formação profissional, aproximando universidade e escola básica.

Considerando que os saberes docentes se compõem também na interação com os sujeitos e o contexto social, duas das entrevistadas referiram elementos como reciprocidade, respeito, curiosidade e trabalho com a diversidade entre os mais importantes e necessários à atuação como professora de matemática. A compreensão e o domínio de conteúdos e habilidades também foram destacados. Quando questionadas se, devido às aulas remotas em decorrência da pandemia de Covid-19, as professoras tiveram que realizar alguma mudança na sua forma de trabalho, todas disseram que sim.

A professora A destacou que a principal alteração foi o uso da tecnologia, especialmente por meio de plataformas digitais. A professora B indicou como maior

dificuldade o acesso de todos os alunos às aulas e atividades, para mantê-los ativos nos estudos. *“Na pandemia, precisei reaprender a trabalhar”*, sublinhou a professora C; entre os obstáculos, ela salientou a falta da presença física, a necessidade de adaptação à tecnologia e à nova sistemática de trabalho. Nas falas das participantes, a tecnologia foi entendida como uso das mídias e recursos digitais. Ainda, a ausência da interação física, presencial, foi sublinhada pelas docentes; *“afinal, escola não é apenas ambiente, escola é comunicação, amor, carinho, companheirismo e abrigo”* (professora B).

O trabalho docente tem invisibilizado e desvalorizado os complexos conhecimentos e saberes que os professores utilizam e constroem cotidianamente, resultado das condições frequentemente adversas e precárias de realização de seu trabalho. Questões não apenas de classe, mas também de gênero e as características do trabalho de cuidado contribuem, a nosso ver, de maneira fundamental para essa desvalorização e a consequente ausência de reconhecimento (VIEGAS, 2020, p. 264).

Quando questionadas se o cenário pandêmico exigiu ou oportunizou novos saberes, as três professoras destacaram o uso dos recursos tecnológicos. Como salienta a professora A: *“Sim, tive que aprender muitas coisas novas no meio tecnológico, como criar links para realizar as aulas, digitar todo o conteúdo para enviar aos alunos e corrigir provas e atividades avaliativas através da tela do computador”*. Nóvoa e Alvim (2021, p. 12) salientam que

Integrar o digital no trabalho docente é mais do que incorporar uma “tecnologia”, é reconhecer as reverberações que os novos modos de ser, de agir e de pensar – constituídos na era digital – provocam na escola e ser capaz de os integrar como referências fundamentais no reposicionamento dos professores.

Pensar sobre os saberes docentes também nos provoca a discutir a formação continuada. Durante o período de aulas remotas, alguns cursos foram oferecidos aos docentes, seja pela Mantenedora ou outras instituições. Perguntadas se as formações das quais elas participaram contribuíram para em sua prática pedagógica, todas as professoras afirmaram que, de alguma forma, sim. Porém, a professora B, recém graduada, sublinhou que durante a graduação conheceu a maioria dos recursos ofertados, mas que talvez para quem não costumava usar tecnologias digitais, esses estudos foram construtivos.

As professoras A e C destacaram que esse foi um período de muito trabalho e, mesmo considerando a importância das formações, não havia tempo para realizar todas as atividades proporcionadas. Nesse sentido, entendemos que as docentes não participaram da seleção e organização desses percursos formativos. Pensar na relação entre o que viveram na escola durante a pandemia e o período pós-pandemia, foi outro desafio colocado às participantes. Todas elas afirmaram que muitas mudanças ocorreram, tanto nos relacionamentos como nas próprias demandas em relação aos estudantes.

A professora A indica que *“Agora a preocupação é de que o estudante esteja ‘ativo’, digamos assim, e não mais se ele está entendendo e compreendendo os conteúdos e as*

*demandas do seu nível de ensino*”. Isso é corroborado pela participante C: *“Muitas coisas mudaram nos relacionamentos. Vários estudantes não trabalham conforme é pedido, falta mais comprometimento. As relações na sala de aula ainda não estão normalizadas, as máscaras, o distanciamento, os protocolos, tudo isso dificulta um bom relacionamento. Há reclamações quanto a prazos, volumes de atividades, mas eu creio que com o retorno, isso aos poucos isso vai melhorar*”. Um destaque da professora B se refere às dificuldades de aprendizagem: *“Há uma lacuna incalculável entre a educação que tínhamos com a que temos agora, os alunos estão há pelo menos dois anos atrás da série que estão cursando, não existe nada que faça com que consigamos recuperar o tempo”*.

Diante desse cenário, a última pergunta foi: Como você se sente em relação às condições de trabalho e à valorização do trabalho docente? A professora B argumentou que as condições de trabalho são boas, com materiais e local adequados, mas prefere não comentar sobre remuneração/valorização, pois considera um assunto complexo. Já as participantes A e C sinalizam que a principal questão é o volume de trabalho e as cobranças. Assim, podemos perceber que, mesmo com condições materiais adequadas, a carga horária exaustiva - que já era problematizada antes da pandemia - intensificou-se nesse contexto.

Entender a docência como um ofício pressupõe tempo para pensar, fazer, conversar... um tempo de artesanato. Entretanto, cada vez mais percebemos uma série de demandas que compõem o trabalho docente e reduzem o tempo de reflexão e composição dos saberes e da própria docência. Assim, retomamos a interrogação central deste trabalho, pensando na composição dos saberes docentes em tempos de pandemia. Segundo as professoras, o que ficou mais evidente foi o aspecto dos saberes práticos, relacionados ao uso da tecnologia digital. Nesse contexto, podemos inferir que a escola é constantemente interpelada pelas questões da sociedade.

O que nos mobiliza não é anunciar a morte dessa escola, é anunciar o surgimento de uma outra escola. [...] Não é só o futuro da escola que está em causa, é mesmo o futuro da nossa humanidade comum. Nunca, como hoje, foi tão urgente uma educação que contribua para a democratização das sociedades, para a diminuição das desigualdades de acesso ao conhecimento e à cultura [...]” (NÓVOA e ALVIM, 2021, p. 13).

Sendo assim, compreendemos que a enunciação de uma outra escola, como sugerem Nóvoa e Alvim (2021), parte do diálogo com os sujeitos que a compõem, a partir dos efeitos causados pela pandemia. Com isso, acreditamos que o apoio e a valorização aos professores e à escola são fundamentais. Uma das falas da professora A nos instiga a refletir sobre a composição dos saberes docentes e suas respectivas transformações para a educação pós-pandemia: *“[...] o estudo individual é extremamente importante e fundamental para um profissional da educação; mas a relação com os professores, a interação com os estudantes, o acompanhamento das mídias, e as tendências de cada fase dos estudantes também contribuem bastante com os saberes docentes”*. Nesse sentido, pretendemos seguir pensando e problematizando os saberes docentes com essas professoras da rede estadual de ensino do

RS, a fim de continuar dialogando com elas para que juntas possamos pensar em possibilidades de uma educação como bem público, essencial à democracia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anos finais do ensino fundamental. Saberes docentes. Pandemia.

## REFERÊNCIAS

FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LARROSA, J. *Mãos que nem sempre são felizes: seguindo a conversa com Glaucia Dias da Costa*. In: LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen Christine; CUBAS, Caroline Jaques (Orgs.). *Elogio do professor*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 147-157.

NÓVOA, A. *Os professores e o “novo” espaço público da educação*. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Orgs.). *O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais*. Trad. Lucy Magalhães. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NÓVOA, A; ALVIM, Y. C. Os professores depois da pandemia. *Educação & Sociedade*, v. 42, e249236, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. 2021.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Trad. João Batista Kreuch. 3a ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIEGAS, M. F. *Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores docentes das escolas públicas do Vale do Rio Pardo (RS)*. In: VIEGAS, Moacir Fernando; KRUG, Suzane Beatriz Frantz; SCHUH, Laísa Xavier. *Estudos e reflexões sobre trabalho, educação e saúde*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020, p. 259-286.